

Ruma

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

Literatura e as outras artes

Literatur und die anderen Künste

Typographisch-poetischer Neujahrwunsch des Erzählers.

Ein Reinspiel von Dr. Verh. Aug. Oldenburg.

Ein neues Jahr
Beginnt die Bahn,
Da steht man Viele nah,
Mit Klaffen doch es' d'wacht,
Ob es nur so vor dem Gesicht,
Das weis man eben nicht;
Fortum lie gestalten
Und demenreichen
Im Wandviren
U. verortren
Auf Weeren
Lief gebüdt;
S'heinbar enthödt;
Und wünsch, daß glückliche, schicklye Zeiten
Der Himmel dem Herrn wie der Frau mög' bereiten,
Das ist so die Sitte, so will's der Welt Brauch,
Es macher's schon die Welt, drum than mir es auch;
Doch still nicht zu höst, mir wünsch vor allen,
Nicht ganz in den Lof mit der Menge zu fallen,
Denn in der Person des Erzählers es g'hödt,
Ein ger in Intelle, poetische Gemüdt,
Er steht wie er kann, mit dem Vessern zu gehn,
Im Namen der Erkenntniß nicht weien zu sehn,
Er mag seine Pfir - Geistesamkeit, händel, schmuckelst
Er will was durch heitre Gesehlligkeit in Licht,
Was Neude es erscheinet, er bringet es ein Licht,
Neun ein Wreden, so moegen er wünsch
Auf's Beste zu ge fallen.
Das ist sein brüden, sein eifriges Streben,
Deshalb will er weisen und verhoff nur Iede n.
Im heut gen Tage, was ein neues Jahr beginnt,
Ein altes wieder in der Zeiten ew'ge Rhyth verrinnt,
S'c'ls dem Erzähler auch erlaubt, daß er sich er pleiert,
In in Figuren sich sich höstlich präsen liert,
Hier seht Ihe ihn, freundliche Leserin u e n
Um deren Guuß absonderlich zu min uen
Er sich Wännern es' gebüdt, da es das Weid nicht Mann
Iub In der Welt als Schriftpoeste kann.
Sacht hüßche Da men ihr ihn nie;
So seht ihn jetz, dem einmal nur
Pleitt er sich dar diese Klar,
Und wird, mögt ihr auch weien,
Doch einmal, also erscheinen,
D' auch der ang'leug, l
Wankham zur Trant
Voll Wüß kann schon
Er stellt sich verweg en
Den Deuren den entgegen,
Aufschören Aug n. Wund,
Wilt: heut ist ja Neujahr,
Sich reis u. dieht'gründ,
Wüßlich wie Krebs war,
U. lost den Erzähler;
Es ist che lich Wint
Wien es aut
Wird das De he s e in s en
Weste sprechen, Reime singen,
Und wann er für je den Wust' kann wüßen,
So wird Ihre Guuß ihm auch nicht fehlen

Nos 125 anos do nascimento de Rainer Maria Rilke

Maria António Hörster

Comemoram-se a 4 de Dezembro de 2000 os 125 anos do nascimento de R. M. Rilke (1875-1926). Originário de Praga, este cidadão austríaco de língua alemã, cidadão da Europa por experiência de vida, teve como programa existencial e poético a abertura ao Outro – a seres, coisas, lugares –, mas também o mergulho nos abismos do «eu», a inexorável indagação, e a decidida assunção, da sua própria dimensão de criatura. A condição de grande poeta conquistou-a ele ao longo de um percurso lento e determinado, sob renúncia de compensações vitais de toda a ordem, não sendo frequentes na história literária os casos em que tão pouco prometedores inícios de escrita tenham cedido lugar a tão elevado acabamento e profundidade.

O poeta, que para sucessivas gerações de leitores, e não só alemães, representou e, em parte, continua a representar a encarnação mesma do poético, esteve, sobretudo a partir de finais de 60, algo arredado do núcleo dos obrigatoriamente referenciáveis, mas o momento actual tem-nos reservado algumas surpresas. O clima parece ser o de intensificação da recepção, mais liberta agora de auras canonizantes e, mas nem sempre, de envolvimentos patéticos. Disto mesmo dão conta as cerca de três centenas de títulos rilkianos disponíveis, colhidos numa consulta recente da rede, em que abundam os florilégios (publicações naturalmente dirigidas a camadas largas e indiscriminadas de receptores), de que destaco o sugestivo título *Rilke für Gestreifte*. A Insel/Suhrkamp está a assinalar a data com a publicação de «Jubiläumsausgaben» das principais obras rilkianas – algumas encontram-se anunciadas para o segundo semestre de 2000 –, mas Rilke está presente num grande número de editoras, que competem entre si mantendo no seu programa as obras nucleares do escritor. Respondendo a novas e diferenciadas disposições receptivas, e fazendo jus à dimensão sonora da produção rilkiana, numerosas editoras discográficas, entre elas a Deutsche Grammophon e a BMG Wort / Bertelsmann, lançaram recentemente ou estão a lançar também cds e

cassetes com as grandes obras. Muito elevado igualmente é o número de títulos disponíveis no domínio das traduções em língua inglesa, incluindo selecções e obras integrais, oferecidas por variadíssimas editoras.

Também os *media* abrem actualmente espaço para um Rilke-intérprete-das-funduras-d'alma. Pode suceder que quem desprevenidamente ligue uma estação televisiva alemã numa quente tarde de Maio do ano em curso, seja confrontado com um episódio ficcional para o grande público, em que, depois do inevitável primeiro encontro, ele e ela se vão aproximando e auscultando mútuas afinidades através de sucessivas e extensas citações e de demoradas leituras e interpretações de excertos das *Elegias de Duíno*. E nem sequer dos mais habitualmente discutidos... Rilke continua, pois, a fomentar aquele tipo de recepção que poderíamos designar como diálogo alma a alma, agora servido ao domicílio, por via televisiva...

Em Portugal, a efeméride não foi até agora assinalada por comemorações especiais, o que não é porém sinal de que o poeta esteja morto entre nós. Um pouco surpreendentemente até, diria, tem-se feito sentir nesta década de 90 uma intensificação recepcional, que passa pelo aprofundamento e pela diversificação. Deixando de lado as reedições das versões quintelianas (agora integradas na publicação em curso das obras completas do germanista pela Fundação Calouste Gulbenkian), assistimos a um interesse renovado e alargado, não apenas em termos de obras como de receptores e de editoras-suporte. A Universidade tem continuado a fazer coisa sua a obra rilkiana, prosseguindo por exemplo na via da tradução, com a apresentação, pela Prof.^a Maria Teresa Furtado, de uma versão das *Elegias de Duíno* (1993), a primeira versão integral do ciclo depois da de Quintela, ou com uma nova versão de *Ewald Tragy* (1997), por Claudia Fischer. Mais abundante do que em períodos anteriores tem sido a ensaística de origem académica com temática rilkiana, veiculada em revistas e colectâneas dirigidas a um público especializado, mais restrito (com destaque para *Runa*), ou em jornais de circulação diária, tendo sido apresentada em 1991 uma dissertação de mestrado e, em 1993, a primeira dissertação de doutoramento sobre o poeta, que se debruça justamente sobre a recepção de Rilke em Portugal (no prelo). Pela primeira vez também, foi organizado um encontro universitário sobre o poeta, *Colóquio Rilke. 70 anos depois*, na Faculdade de Letras de Lisboa, com actas publicadas em 1997.

Mas os receptores não se encontram apenas do lado de dentro das Faculdades. Para além da reedição das *Cartas a um jovem poeta*, agora pela Contexto, ou de *A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke* na versão de Cecília Meireles, pela Hiena, ambas em 1991, prosseguem

as iniciativas de tradução, quer de conjuntos isolados de poemas (Nuno Lobo Salgueiro, receptor rilkiano pelo menos desde a década de 60, traduz «Oito sonetos a Orfeu» em 1990), quer de selecções alargadas ou de obras integrais, verificando-se em meados da década um surto de publicação de correspondência, de iniciativa mais decididamente comercial: Rainer Maria Rilke e Lou Andreas-Salomé, *Correspondência amorosa* (trad. de Manuel Alberto, Maria Alberta Menéres, Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria), *Querida Lou* e *A voz* (ambas com trad. de António Gonçalves), em 1994, e *Apaixonadamente* (trad. de A. Gonçalves), em 1995 (cf., da A., recc. in *Runa*, n.º 22 e 23-24). Ana Diogo e Rui Caeiro oferecem-nos em 1996 uma primeira versão integral de *O livro da pobreza e da morte*, editada pela &etc. Mais sensacionais, pela projecção literária dos nomes envolvidos e pela dimensão e resultados das empresas, são a tradução quer de *Os sonetos a Orfeu*, por Vasco Graça Moura, em 1994, quer de *Frutos e apontamentos. Dívida de coração à França*, por Maria Gabriela Llansol, em 1996.

Menos visível a um olhar em superfície, mas insistente, pertinaz e profundo prossegue o diálogo com Rilke por parte dos nossos poetas: Nuno Júdice, Fiama, Graça Moura, José Tolentino de Mendonça, Fernando Pinto do Amaral, Paulo Teixeira, José Bento, Manuel Alegre são apenas alguns daqueles que, tomados de uma lúcida consciência da fugacidade da vida e da fragilidade-força do fazer poético, e marcando uma deslocação de tónicas no processo recepcional português (ao contrário do que às vezes se julga, não foram as *Elegias de Duíno* nem *Os sonetos a Orfeu* que, em Portugal, estiveram no início e, durante longo tempo, no centro das atenções), dão testemunho de uma intensa recepção da obra rilkiana da maturidade, que culmina na obra esplêndida de Ana Hatherly, de tonalidade verdadeiramente elegíaca, *Rilkeana* (Assírio & Alvim, 1999).

Poderíamos perguntar-nos que razões haverá para esta continuada afirmação de presença. Algumas das razões não poderemos senão buscá-las no conjunto das grandes interrogações levantadas na obra de Rilke, girando em torno dos grandes temas da vida e da morte, do amor e da criação artística. Porque conseguiu equacionar, em termos formalmente apelativos, questões de dimensão existencial, Rilke tem conhecido os mais agudos momentos de recepção em épocas de transição e de procura de reorientação pelo indivíduo, como sumamente foram, por exemplo, as décadas de 40 e de 50. E os dois aspectos que inicialmente destaquei como determinantes de toda a obra rilkiana, «a abertura ao Outro» e a «assunção da sua própria dimensão de criatura», são, de facto, vectores que atravessam centralmente a era da globalização que estamos a viver, num duplo movimento de expansão, mas também de curioso e assumido retorno ao esplendor e miséria do que somos, enquanto bichos da Terra, tão pequenos.